
LIVROS EM DESTAQUE

A PAIXÃO DE CONHECER O MUNDO

Madalena Freire

São Paulo, Editora Paz e Terra, 1983

Este livro é fruto de um trabalho realizado com crianças de 4 anos e de 6 anos na Escola Criarte e Escola da Vila, respectivamente. Ele agrupa dados de 3 relatórios de 1981, além do livro de histórias e caderno de lições feitos pelas crianças, assim como desenhos e fotografias (Escola da Vila, 1981).

Nele Madalena Freire retrata a evolução de seu pensamento pedagógico que partiu "de uma prática ainda presa a uma visão menos dinâmica, talvez mais fria, em que a preocupação maior estava em mencionar o eixo do trabalho, seus objetivos, etc..." para "embrenhar-se junto com as crianças num mesmo fluxo de inquietações e buscas, e viver o processo educativo como um todo, inquieto, curioso, vital e apaixonado onde a busca do conhecimento não é preparação para nada e sim VIDA aqui e agora".

Acreditando que é esta vida que precisa ser resgatada pela escola, a autora nos convida, a partir de seu primeiro relatório, a viver juntamente com as crianças "a emoção da paixão de conhecer o mundo". Tarefa que ela faz através de relato apaixonado, que transporta magicamente o leitor para dentro da escola e o leva a compartilhar com as crianças suas descobertas diárias e suas dúvidas.

O esforço de documentar o próprio trabalho, raro em experiências educacionais que atingem um público restrito, assim como a capacidade de se apropriar com intensidade da experiência vivida, fazem do relato de Madalena Freire instrumento poderoso de reflexão e leitura obrigatória para todos os que acreditam na humanização da escola.

Marina Célia M. Dias

O MÉTODO CLÍNICO: USANDO OS EXAMES DE PIAGET

Terezinha Nunes Carraher

Petrópolis, Ed. Vozes, 1983

Pretendendo dar uma orientação prática ao estudante da teoria de Piaget, a autora discute inicialmente alguns pontos essenciais do método clínico-piagetiano, apresentando, a seguir, uma seqüência de textos sobre exames relativos a conceitos específicos enfocados pela teoria em questão.

Na discussão do método, a autora estabelece um

contraste entre ele e o método psicométrico no estudo da inteligência, destacando suas diferenças com relação à questão do controle na mensuração de habilidades mentais e dos objetivos e pressupostos do exame dessas habilidades. Apresenta, também, diretrizes específicas para orientar o estudante nas suas reflexões sobre exames clínicos que venha a realizar: como preparar-se para o exame, como proceder durante o exame e como avaliar as respostas dos sujeitos.

Os exames específicos abordados a seguir são referentes à permanência do objeto, conservação de quantidades, inclusão de classes, flutuação de corpos e quantificação de probabilidades. Para cada um deles são apresentados uma pequena discussão sobre o conceito em questão, uma orientação para o desenvolvimento prático do exame e para a avaliação das respostas obtidas, e a transcrição de protocolos obtidos em exames já realizados.

A autora enfatiza repetidas vezes que as diretrizes que apresenta não devem ser compreendidas em si mesmas e seguidas mecanicamente, mas sim inseridas numa perspectiva mais geral através da leitura cuidadosa dos textos de Piaget e da realização de estudos práticos com o emprego do método clínico-piagetiano. Só assim é que a complexa teoria piagetiana poderá ser realmente compreendida.

M.K.O.

REFLEXÕES: A CRIANÇA, O BRINQUEDO, A EDUCAÇÃO

Walter Benjamin

Trad. Marcus Vinicius Mazzari

São Paulo, Summus, 1984 (Novas buscas em Educação, v. 17).

Este conjunto de pequenos textos do pensador e escritor morto prematuramente em 1940, na fronteira espanhola, vítima da perseguição nazista, torna acessível ao público brasileiro o estilo luminoso e a sensibilidade poética de Benjamin, comoventes até, quando se debruça sobre a infância ou reflete sobre a própria juventude.

Os breves ensaios, redigidos ao longo de duas décadas, desde 1913, quando o autor estava nos seus 21 anos, até os anos trinta, revelam uma interessada atividade de pesquisa sobre a produção cultural voltada para a infância — livros, brinquedos, cartilhas, teatro — e uma preocupação com a pedagogia frente ao marxismo.

Nada substitui a leitura direta destes artigos, densos de percepções sobre a criança e a educação. Como convite ao leitor, transcrevemos aqui alguns trechos:

"Em nossa luta por responsabilidade enfrentamos um mascarado. A máscara do adulto chama-se 'experiência'. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre igual. Esse adulto já experimentou tudo: juventude, ideais, esperanças, a mulher. Tudo foi ilusão. Frequentemente ficamos intimidados ou amargurados. Talvez ele tenha razão. O que podemos contestar-lhe? Nós ainda não experimentamos nada." (1913, 21 anos).

Sobre uma nova cartilha:

"E por toda parte providenciou-se estações ou locais de alojamento; isso significa que a criança não precisa seguir escrevendo até a exaustão — aqui uma gravura espera pela assinatura, ali uma estória pelas palavras que lhe faltam, mais além uma gaiola pelo pássaro a ser desenhado em seu interior, em outro lugar um cachorro, um burro e um galo esperam pelo seu au-au, i-a-i-a e qui-quiriqui. (...) Em tudo isso a criança jamais é colocada perante o objeto da aprendizagem, mas sobre ele: como se, por exemplo na aula de zoologia, ela não fosse levada perante o cavalo, mas sim montada sobre ele." (1931, 39 anos).

M.M.C.

DEFICIÊNCIA MENTAL: DA SUPERSTIÇÃO À CIÊNCIA

Isaías Pessotti

T.A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984

Ao abordar a evolução do conceito de deficiência mental desde a Antiguidade Clássica até os dias de hoje, a obra de Pessotti vem preencher uma das lacunas sentidas por profissionais trabalhando na área. De fato, sua proposta é a de fornecer ao leitor uma visão histórica de como, em função de determinadas condições culturais, sociais, econômicas e mesmo políticas, emergiram correntes de pensamento que até hoje se fazem sentir, quer como preconceitos, quer como elementos norteadores, na conduta frente à deficiência mental.

Neste sentido, seu trabalho é extremamente didático. Descreve o tratamento sub-humano dispensado a crianças portadoras de deficiências físicas e mentais na Grécia Antiga, a ambivalência proteção-segregação que caracterizou a atitude medieval perante tais indivíduos, a intolerância que a Reforma adotou em relação aqueles que não possuíam a razão ou a graça divina. É ressaltada a importância de Paracelso e Cardano, pensadores que, pela primeira vez, enfocaram a deficiência mental do ponto de vista médico, retirando-a do campo estrito da teologia e da moral.

O livro prossegue analisando a postura organicista de Willis e a teoria da aprendizagem embutida no pensamento de Locke, sementes para a primeira proposta de educação especial para os deficientes mentais, elaborada por Itard. Posteriormente, é esmiuçada a contribuição de Seguin, que ao propor uma abordagem pedagógica ao saber médico até então hegemônico, abre novas perspectivas didáticas para a atuação na área. Delineando o panorama "pessimista e mórbido" que dominou o século XIX, Pessotti destaca a influência de Chambard através de sua classificação sobre os diferentes níveis de

idiotice.

Já no século XX, o autor indica nomes como Binet e Montessori, pioneiros na elaboração de uma psicologia científica para conceber e atuar no campo da deficiência mental. Finalmente, são apontadas as novas perspectivas que hoje se delineiam para profissionais envolvidos em programas de educação especial face ao progresso do diagnóstico psicológico e ao avanço da medicina, principalmente em seus aspectos preventivos. Em linguagem clara e lúcida, Pessotti mostra, com firmeza e vigor, o difícil caminho percorrido pela deficiência mental, da superstição à ciência.

Cláudia Davis

IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO

Ana Lúcia G. de Faria

Cortez/Editora Autores Associados, São Paulo, 1984

A obra de Ana Lúcia G. de Faria, ao ampliar aquela linha de análise que, em anos recentes, vem focalizando os livros didáticos com objetivo de desnudar seu discurso ideológico, torna-se leitura indispensável para todos os educadores preocupados com o papel da escola como mantenedora e como denunciadora do "status quo".

O interesse maior do livro está no tema visado: o conceito de trabalho como tratado em trinta e cinco livros de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica, destinados a 2^{as}, 3^{as}, e 4^{as}, séries do 1^o grau.

Por outro lado a pesquisa relatada avança mais do que a maior parte dos trabalhos do gênero, porque também dá voz às crianças que usam tais livros para que expressem a maneira como entendem o trabalho humano.

A autora descreve como o livro didático contribui para a desinformação do aluno, contrariando a experiência de vida da criança pobre, reforçando preconceitos e disseminando meias verdades que de alguma maneira refletem-se nos conceitos expressos pelos alunos.

Os resultados obtidos alertam mais uma vez para o fato de que o espaço escolar constitui-se realmente em uma área em disputa, que o professor consciente e criativo — ou, como o denomina a autora, o novo professor — pode e deve ocupar de maneira a veicular informações e experiências que não mascarem a realidade social.

Dagmar M. L. Zibas